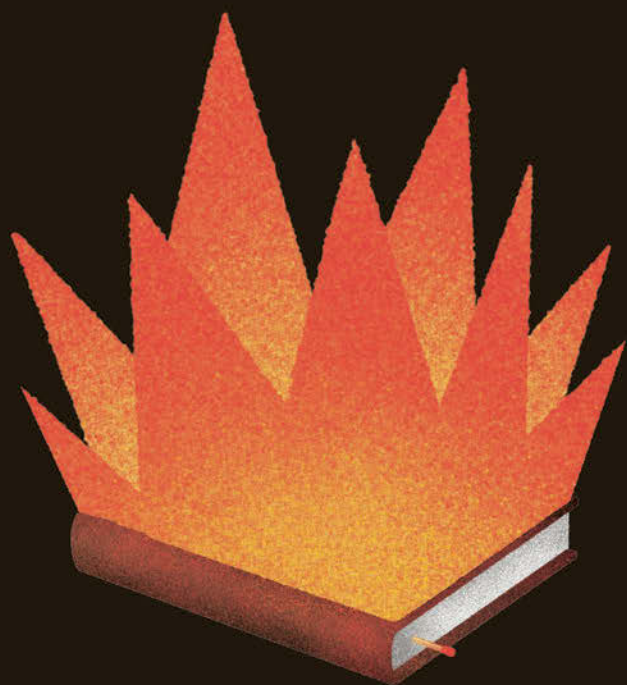


RAY BRADBURY

FAHRENHEIT 451



cavalo de ferro

*Este livro, com gratidão,
é para Don Congdon*

Se te derem papel pautado, escreve do outro lado.

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

PARTE I

A Fornalha e a Salamandra

Era um prazer queimar.

Era um prazer especial ver coisas devoradas, ver coisas enegrecidas e *transformadas*. Com a agulheta de cobre entre as mãos, com esse grande pitão a cuspir o seu venenoso queirose sobre o mundo, sentia o sangue a latejar-lhe nas têmporas, e as suas mãos eram as de um prodigioso maestro que dirigia todas as sinfonias de fogo e combustão para compor os farrapos e as ruínas carbonizadas da história. Com o capacete a ostentar simbolicamente o número 451 sobre a cabeça impassível, e os olhos tingidos de laranja com o pensamento flamejante do que viria a seguir, direccionou o acendedor e a casa crepitou num fogo devorador, que se elevou pelo céu nocturno em tons de vermelho, amarelo e preto. A passos largos, avançou por entre uma nuvem de pirilampos. Como na velha tradição, gostaria de poder mergulhar no fogo um *marshmallow* preso na ponta de um espeto, enquanto os livros, adejando como pombos, morriam no patamar e no relvado da casa. Enquanto os livros se desfaziam em redemoinhos cintilantes e eram levados num vento obscurecido pela combustão.

Montag sentiu estampado no rosto o sorriso feroz de todos os homens tocados e repelidos pelas chamas.

Sabia que, quando regressasse ao quartel dos bombeiros, se veria ao espelho, talvez pestanejando perante a sua imagem, idêntica à de um menestrel enfarruscado com cortiça queimada. Mais tarde, ao adormecer na escuridão, sentiria o sorriso inflamado ainda preso aos músculos do rosto. Nunca

desaparecia, aquele sorriso — tanto quanto se lembrava, jamais o abandonara.

Pendurou o capacete, negro como um escaravelho, e lustrou-o. Pendurou cuidadosamente o casaco à prova de fogo. Tomou um bom duche e, depois, assobiando, com as mãos nos bolsos, atravessou o andar superior do quartel e deixou-se cair pela abertura. No último instante, quando o desastre parecia certo, tirou as mãos dos bolsos e travou a queda, agarrando-se ao poste dourado. Resvalou até se deter, numa chiadeira, com os calcanhares a poucos centímetros do chão de cimento do piso de baixo.

Saiu do quartel e caminhou pela rua noturna até ao metro, onde um comboio silencioso, movido a ar comprimido, deslizou sem fazer ruído pela conduta lubrificada e o fez sair, com um grande sopro de ar quente, junto à escada rolante de azulejos cremes que subia para o subúrbio.

A assobiar, deixou-se levar pela escada rolante até ao ar calmo da noite. Avançou em direcção à esquina da rua, quase sem pensar em nada. No entanto, antes de a alcançar, abrandou o passo, como se um vento se tivesse levantado algures, como se alguém tivesse chamado o seu nome.

Nas noites anteriores, ao regressar a casa sob o céu estrelado, tivera uma sensação estranha acerca de algo naquela parte do passeio, logo após a esquina. Sentira que, um momento antes de a dobrar, alguém ali estivera. O ar parecia carregado de uma calma especial, como se alguém ali tivesse estado à espera em silêncio e, apenas um momento antes de ele aparecer, se tivesse simplesmente transformado numa sombra, deixando-o passar. Talvez o seu nariz detectasse um ligeiro perfume, talvez a pele das costas das mãos e do rosto sentissem a subida da temperatura naquele exacto local onde a presença de uma pessoa poderia, por instantes, aumentar em

alguns graus a atmosfera circundante. Era impossível sabê-lo. De cada vez que fazia a curva, via apenas o passeio branco, irregular e deserto, com a possível exceção de uma noite em que algo teria desaparecido rapidamente do outro lado de um relvado antes que ele pudesse focar a visão ou dizer uma palavra.

Nesta noite, porém, abrandou o passo até quase se deter. A sua mente, que se antecipara a dobrar a esquina, ouvira um murmúrio quase imperceptível. Uma respiração? Ou apenas a atmosfera comprimida pela simples presença de alguém que ali estava, muito quieto, à espera?

Montag dobrou a esquina.

As folhas do Outono voavam sobre o pavimento enlustrado de um modo que fazia a rapariga que nele caminhava parecer estar numa passadeira rolante, deixando-se levar pelo movimento do vento e das folhas. Com a cabeça inclinada para baixo, observava como os seus sapatos sacudiam as folhas rodopiantes. Tinha um rosto esguio e branco como o leite, e havia nele uma espécie de fome delicada que tudo tocava com insaciável curiosidade. Era uma expressão, dir-se-ia, de pálida surpresa; os olhos escuros estavam tão cravados no mundo que nenhum movimento lhes escapava. O seu vestido era branco e ciciava. Montag quase lhe julgou ouvir o mover de mãos enquanto ela se aproximava, e depois um som ínfimo, o do rosto a virar-se quando percebeu que estava prestes a embater num homem parado no meio do passeio.

As árvores por cima deles faziam um grande farfalhar ao deixarem cair a sua chuva seca. A rapariga parou e, em virtude da surpresa, pareceu preparar-se para recuar, mas, em vez disso, ficou a olhar para Montag com olhos tão negros, brilhantes e vivos que ele teve a sensação de ter dito algo maravilhoso. Mas sabia que abrira a boca só para a cumprir, e então, como ela parecia hipnotizada pela imagem

da salamandra no seu braço e pelo disco da fénix que trazia ao peito, voltou a falar.

– Pois – disse ele –, é a nossa nova vizinha, não é?

– E o senhor deve ser... o bombeiro – disse a rapariga, numa voz que foi definhando, ao afastar o olhar daquelas insígnias profissionais.

– Que modo estranho de o dizer.

– Eu... tê-lo-ia percebido de olhos fechados – acrescentou ela, lentamente.

– Porquê? Pelo cheiro a querosene? A minha mulher queixa-se sempre – gracejou Montag. – Por mais que se lave, nunca sai completamente.

– Pois não – concordou ela, pasmada.

Montag sentiu que a rapariga caminhava em círculos à sua volta, obrigando-o a virar-se, sacudindo-o suavemente e esvaziando-lhe os bolsos, embora ela não se tivesse mexido nem um pouco.

– Para mim, o querosene – continuou ele, porque o silêncio se prolongara – é uma espécie de perfume.

– Está a falar a sério?

– Claro que sim. Porque não haveria de estar?

A rapariga reflectiu um momento.

– Não sei – acabou por dizer, virando o rosto na direcção do passeio que levava às casas onde moravam. – Importa-se que o acompanhe? Chamo-me Clarisse McClellan.

– Clarisse, sou o Guy Montag. Vamos, então. O que faz na rua a estas horas? Que idade tem?

Caminharam pela noite, na brisa amena que soprava ao longo do pavimento prateado, e havia no ar um levíssimo aroma a damascos e a morangos frescos, e Montag olhou em volta e concluiu que tal era impossível naquela altura ano.

Só havia agora a rapariga a caminhar a seu lado, com um rosto brilhante como a neve ao luar, e Montag compreendeu que ela estava a pensar nas perguntas dele, tentando encontrar as melhores respostas.

— Bem — disse Clarisse —, tenho dezassete anos e sou desequilibrada. O meu tio diz que as duas coisas andam sempre de mãos dadas. E, quando me perguntam a idade, aconselha-me a responder sempre «dezassete e desequilibrada». Não é agradável caminhar a esta hora da noite? Gosto de cheirar as coisas, de olhar para elas, e às vezes fico acordada a noite inteira, a passear, e vejo o nascer do Sol.

Deram mais alguns passos em silêncio e, de modo pensativo, Clarisse acabou por dizer:

— Sabe, não tenho medo nenhum de si.

Montag ficou surpreendido.

— Porque haveria de ter?

— Muita gente tem. Medo de bombeiros, quero dizer. Mas sei que, no fundo, é apenas um homem...

Montag viu-se reflectido nos olhos dela, suspenso em duas gotas brilhantes de água viva, ele próprio escuro e pequeno, com todos os detalhes, as linhas em redor da boca, tudo ali, como se os olhos dela fossem dois miraculosos pedaços de âmbar violeta que o pudessem capturar e manter intacto. O rosto de Clarisse, agora virado para ele, era um frágil cristal leitoso que irradiava uma luz suave e constante. Não era a luz histérica da electricidade, mas antes, talvez, a luz estranhamente reconfortante, rara e favorável de uma vela. Certa vez, quando Montag era criança, durante uma falha de electricidade, a sua mãe encontrara e acendera uma última vela, e tinham passado uma breve hora de redescoberta, vendo como, com tal iluminação, o espaço perdia as suas vastas dimensões e se desenhava confortavelmente em torno deles, e eles, mãe e filho, sozinhos, transformados, tinham desejado que a electricidade não voltasse tão depressa...

E, então, Clarisse McClellan disse:

— Permite-me que lhe faça uma pergunta? Há quanto tempo trabalha como bombeiro?

— Desde os meus vinte anos, há uma década.

— Alguma vez *leu* algum dos livros que queima?

— É contra a lei! — respondeu Montag, rindo-se.

— Ah, claro.

— É um bom trabalho. Segunda-feira, queimar Millay; quarta-feira, Whitman; sexta-feira, Faulkner. Queimá-los até os reduzir a cinzas e depois queimar as cinzas. É o nosso lema oficial.

Continuaram a andar e a rapariga perguntou:

— É verdade que, antigamente, os bombeiros *apagavam* fogos em vez de os atearem?

— Não. As casas foram *sempre* à prova de fogo, pode acreditar na minha palavra.

— Estranho. Ouvi dizer que, noutros tempos, as casas costumavam arder por acidente e era preciso haver bombeiros para *apagar* os incêndios.

Montag voltou a rir-se.

— Porque se ri? — perguntou Clarisse, olhando rapidamente para ele.

— Não sei. — Começou a rir outra vez e parou. — Porquê?

— Ri-se mesmo sem eu dizer nada com piada e dá respostas imediatas, como se não pensasse no que lhe perguntei.

Montag parou de andar.

— É, de facto, uma pessoa esquisita — disse ele, mirando-a. — Não tem respeito?

— Não queria insultá-lo. É que gosto demasiado de observar as pessoas.

— E isto não significa nada para si? — perguntou ele, batendo com os dedos no número 451 bordado na sua manga da cor do carvão.

— Sim — murmurou Clarisse, antes de apressar o passo.

— Já viu como os carros a jacto passam a grande velocidade nas avenidas lá para baixo?

— Está a mudar de assunto!

— Às vezes, penso que os condutores não sabem o que é relva, ou flores, porque nunca as vêem devagar — disse Clarisse. — Se lhes apontarmos uma mancha verde, dizem: «Oh, sim, é relva!» Uma mancha rosada? «Um roseiral!» As manchas brancas são casas. As manchas castanhas são vacas. Uma vez, o meu tio conduziu devagar numa auto-estrada. Conduziu a pouco mais de sessenta quilómetros por hora e prenderam-no durante dois dias. Não é engraçado isto, e também triste?

— Pensa em demasiadas coisas — disse Montag, pouco à vontade.

— Raramente vejo «televisão mural» ou vou a corridas ou a parques de diversões. Por isso, tenho muito tempo para estes pensamentos meio loucos. Já viu os cartazes de sessenta metros de comprimento no campo para lá da cidade? Sabia que, antigamente, tinham só seis metros? Mas os carros começaram a passar tão depressa que tiveram de aumentar os painéis para a publicidade poder durar mais.

— Não sabia disso! — disse Montag, num riso abrupto.

— Aposto que sei mais coisas que desconhece. De manhã, há orvalho nas ervas.

Montag viu-se subitamente incapaz de se lembrar se o sabia ou não, o que o deixou deveras irritado.

— E se olhar bem — acrescentou Clarisse, num aceno de cabeça para o céu —, há um homem na Lua.

Há muito tempo que Montag não olhava para a Lua.

Percorreram o resto do trajecto em silêncio, o dela pensativo, o dele uma espécie de silêncio constrangido e desconfortável, no qual ia lançando a Clarisse olhares acusadores. Quando chegaram perto da casa dela, todas as luzes estavam acesas.

— Que se passa?

Poucas vezes Montag vira uma casa tão iluminada.

— Oh, é só a minha mãe, o meu pai e o meu tio sentados a conversar. É um pouco como passear a pé, mas ainda mais

invulgar. O meu tio foi preso noutra ocasião, não sei se lhe contei, por passear a pé. Oh, somos pessoas *muito* peculiares.

— Mas *conversam* sobre o quê?

Clarisse riu-se com a pergunta.

— Boa noite! — disse, antes de avançar em direcção a casa. Depois, pareceu lembrar-se de algo e voltou a olhar para Montag com espanto e curiosidade. — É feliz? — perguntou.

— Sou o quê? — gritou ele.

Mas ela já se tinha ido embora, a correr sob o luar. A porta da frente fechou-se suavemente.

— Feliz. Mas que absurdo!

Montag parou de rir.

Enfiou a mão no orifício em forma de luva da sua porta de entrada e deixou que esta o reconhecesse através do toque. A porta abriu-se de imediato.

«Claro que sou feliz. O que pensa ela? Que não sou?», perguntou às divisões silenciosas da casa. Ficou a olhar para a grelha do ventilador no corredor e, de súbito, lembrou-se de que havia algo escondido atrás da grelha, algo que parecia agora observá-lo lá de cima. Desviou rapidamente o olhar.

Que estranho encontro numa noite estranha. Não se lembrava de nada parecido, com a excepção de uma tarde, um ano antes, em que encontrara um velho no parque e *ambos* haviam conversado...

Montag abanou a cabeça. Olhou para uma parede vazia. O rosto da rapariga estava ali, realmente muito bonito na sua memória: espantoso, na verdade. Clarisse tinha um rosto muito ténue, como o mostrador de um pequeno relógio pouco discernível num quarto escuro, a meio da noite, quando acordamos para ver as horas e vislumbramos o relógio que nos diz a hora, o minuto e o segundo, com um silêncio branco e um brilho que é, todo ele, certeza e conhecimento do que tem para

Numa cidade de um futuro sombrio e inquietante, os bombeiros desempenham o papel de agentes da moral e da higiene mental pública, tendo por função queimar livros para evitar que as suas ideias perturbem o sono dos cidadãos honestos. No entanto, após várias incinerações de livros, o bombeiro Guy Montag começa a sentir-se desgraçadamente zangado e melancólico, interrogando-se sobre o fascínio que as páginas impressas exercem sobre algumas pessoas obstinadas que desafiam a ordem estabelecida pelo simples prazer de ler...

Romance visionário, crítica feroz ao totalitarismo e à alienação da moderna sociedade de consumo, *Fahrenheit 451* — a temperatura a que o papel dos livros arde — é uma das distopias mais famosas e intemporais da Literatura, que se reapresenta nesta edição numa nova tradução cuidada.

«O inferno conformista mais habilmente
construído de toda a ficção científica.»

Kingsley Amis

«Um clássico imprescindível.»

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-547-2



9 789895 895472